

Documentos do Arquivo Herbert Caro Instituto Cultural Judaico Marc Chagall em Porto Alegre

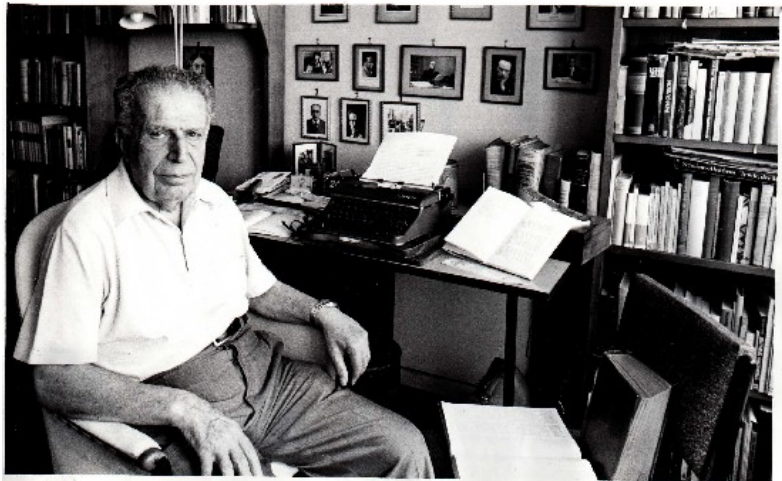
Photographs, articles and documents related to Herbert Caro.

Keywords: historical documents; Herbert Caro;



Herbert Caro

Instituto Cultural Judaico Marc Chagall. Rua: Gen. João Telles, 329; 90035-121, Porto Alegre, RS
Tel: (51) 3311-6100; e-mail: iedagut@portoweb.com.br



Salvo-Conduto especial para estrangeiro (19/01/1945)

CAC AA

 **REPARTIÇÃO CENTRAL DE POLÍCIA**
DELEGACIA DE ORDEM POLITICA E SOCIAL

SALVO-CONDÚTO ESPECIAL
(PARA ESTRANGEIRO) Nº 4429

O portador do presente, **HERBERT MORITZ CARO**,
natural de Alemanha, nascido a 16 de Outubro
de 1908, estado civil Casado, de profissão Tradutor, filho
de Ernest Caro e de Eliene
Simensen, cujo retrato se vê ao lado, tem permissão
especial para viajar, desta Capital a Vila Rica.

O PRESENTE SALVO-CONDÚTO NÃO PODE SER VISADO OU
VALIDADO PARA AS LOCALIDADES DA FRONTEIRA OU LITORAL.

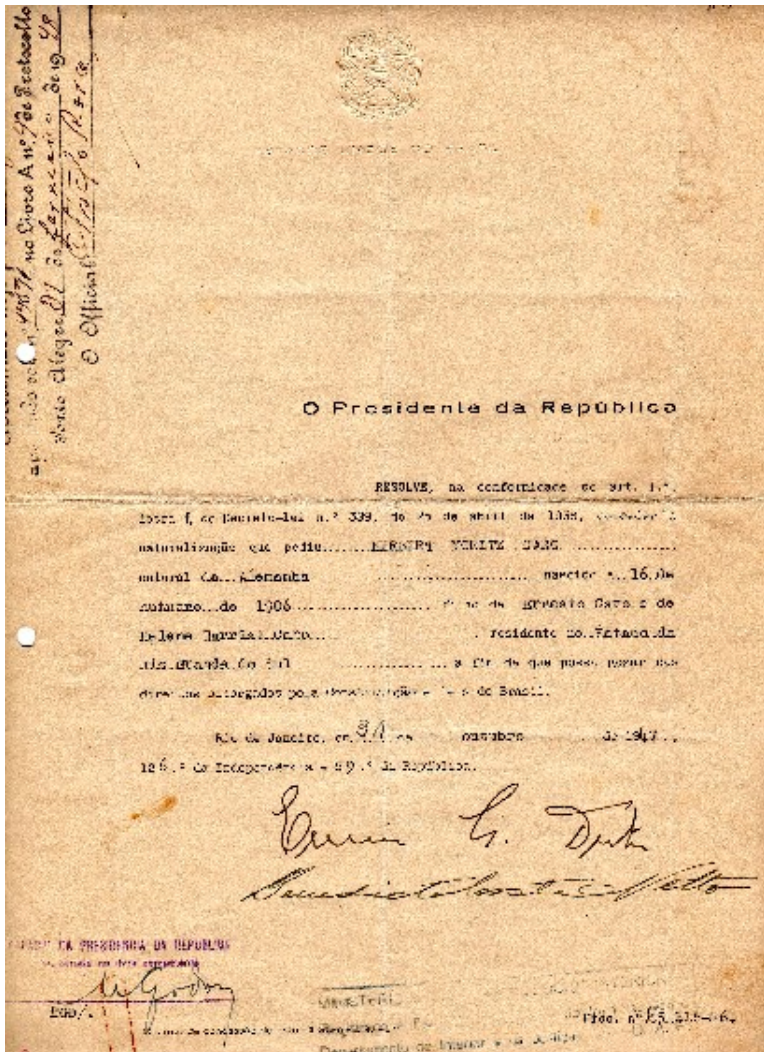
Herbert Moritz Caro
(Assinatura do portador)

Cart. ped. 19 n.ºs. 61038 e 2782
ext. em F. Alegre em 11-7-1945

Porto Alegre, 19 de Janeiro de 1945

Ves. Contingentia
Inspetor-Chefe

Certidão de Naturalização 31/10/1947



Recorte de jornal divulgando conferência de Caro no Exterior

**Deutsch-Brasilianische Gesellschaft e. V.
Institut für Auslandsbeziehungen**

Am Mittwoch, dem 15. Dezember 1965, um 20.00 Uhr, im Gebäude Huberstraße 16 der
Technischen Hochschule Stuttgart

spricht

Dr. Herbert Caro, Porto Alegre - Brasilien

über

CANDIDO PORTINARI

Brasiliens großer Maler

(mit Farbdiol)

Eintritt frei

O cartaz anuncia uma conferência de Herbert Caro sobre Cândido Portinari

AS ENCARNAÇÕES DE CARO

Portinari e Aleijadinho
Explicados Aos Europeus

Artigos publicados em jornais e revistas: Balcão de Livraria e Férias de Livreiro

Balcão de Livraria

Herbert Caro

Sei por experiência própria que não é fácil para um livreiro alcançar a alta dignidade do tubarão. Os grandes tubarões crescem até o tamanho respectável das trairas, mas na maioria das vezes ficam só até o fim da vida. E quando, muito tarde muito calma, plantam-nos na porta da livraria para confrontar a fila interminável que se formou diante do guichê de cinema vizinho com a quase absoluta falta de freqüentes no interior da nossa loja, é apenas humano que a alma se nos encha de fei e rancor. Começamos então a sair mal de quem despreza os tesouros intelectuais espalhados pelos nossos balcões.

Há alguns dias recebi um cartão postal que a Câmara Nacional do Livro distribui a título de propaganda. Vê-se nele um robusto camelo a carregar entre as roldas eiras um painel com os dizeres: "Eu não leio". Para destinatários de raciocínio lento, e que por acaso não percebam a semelhança entre o exótico ruminante e as pessoas avessas à leitura, acrescenta-se ainda alguns comentários pouco amáveis sobre a índole dos camelôides.

Tenho as minhas dúvidas quanto à eficiência dessa propaganda. Evidentemente, ela não amplia o círculo por demais reduzido dos leitores de livros. Não vejo, entretanto, como novos freqüentes de livrarias poderão ser atraídos por esse tipo de cartões. Não consigo vislumbrar resultados positivos que possam ser obtidos entre as criaturas humanas, injúria a quem não gosta de ler não me parece um motivo adequado para cativar-lhe o coração. Não receio que alguém se sinta medonhado pela comparação com o camelo. Quem prefere uma partida de canasta ou uma novela de rádio à leitura de um romance geralmente não para diante das vitrines e mesas de livrarias, de maneira que nem sequer notará a bofetada que lhe deseja vibrar a eminente Câmara Nacional do Livro. Quem dará pela existência dos cartões em apêço serão, na melhor das hipóteses, os nossos freqüentes de caderno, que os olharão com indiferença, uma vez que de qualquer jeito compram livros. Quanto aos camelôides, acio que são, denasido fleumáticos para embocarem uma reação de protesto. Desta forma, o efeito prático não será muito grande.

Não me entendam mal. Sendo livreiro, percebo melhor do que ninguém a necessidade de conquistarmos novos amigos para a nossa mercadoria. Sou, porém, da opinião que para tanto não é suficiente imprimir cartões postais ou cartazes com discursos exortadores afirmando que "ler é bom" e "o livro é o melhor amigo". Não é com slogans e outros recursos de publicidade corriqueira que se curará a alergia ao livro de quem padece grande parte do nosso público e, em especial, da nossa juventude.

Essa mal já vem de longe. A escola, a rigor, ensina a criança a ler. As campanhas de alfabetização, multíssimas louváveis, fazem com que o número de analfabetos decresça aos poucos. Mas não basta saber ler para gostar-se de leituras. Pessoas alfabetizadas que ignoram o prazer que lhes proporciona um livro de valor, lembrem aquela aprendiz de leitorice que possuía a palavra mágica e não sabia empregá-la.

Trata-se, pois, de transformar os nossos aprendizes de leitorice em nossos consumidores na nossa arte de ler. Devemos mostrar-lhes que o alibeto é apenas uma chave capaz de abrir um portão cerrado, e que, para conhecerem o mundo maravilhoso que se esconde atrás, se não precisarem de uma volta na fechadura, que é o livro. Convém demonstrar que saber ler não é somente uma arma poderosa na luta pela vida, como também uma fonte inesgotável de diversões das mais variadas. Temos que educar crianças e adultos no sentido de usarem diariamente o livro como utensílio da higiene mental, assim como empregam o sabonete e a escova de dentes para o azeite físico.

Não me iludo com respeito às enormes dificuldades que nesse caso, se interporão entre o desejo e a realidade. Sei que esta última só pode ser o produto de intensos e demorados trabalhos. Sei que necessitamos lançar mão de recursos mais eficientes do que são graças aos progressos em cartões postais. Mas sei também que tudo isso não é impossível nem tão pouco requer dispêndio de muito dinheiro. O Brasil não é o único país do mundo a enfrentar o problema da adaptação das massas à boa leitura. Em outras terras já se conseguiram verdadeiros milagres nesse sentido, sem que acarretassem gastos que onerariam exageradamente o orçamento do Estado.

No próximo artigo desta série tratarei dos métodos que poderiam ser empregados para se fomentar o gosto do livro em vastas camadas da nossa população. Por hoje limito-me a apontar para um artigo publicado na "Saturday Review" norte-americana, em 26 de junho de 1954, e que é uma verdadeira mina de sugestões inteligentes. Era de desejar que uma das nossas revistas literárias o traduzisse na íntegra. Esta é a estrutura e os serviços das bibliotecas públicas canadenses através de um inquérito que abrange o país inteiro, e cujo resultado pode ser resumido nestas frases iniciais: "As estatísticas de circulação organizadas pelas bibliotecárias das diferentes regiões, evidenciam todas elas o mesmo fato: basta que livros estejam disponíveis para que sejam lidos pelo povo. Trata-se apenas de colocá-los ao alcance da gente".

Em poucas palavras, o "X" do problema. Desde que o público não vai ao encontro do livro, é preciso levar o livro ao encontro do público. Demos asas ao livro, para que ele possa abandonar as prateleiras de livrarias e bibliotecas públicas para que possa sair em busca de quem o queira.

Herbert Caro

Balcão de Livraria

Herbert Caro

O Brasil é um país muito grande. Essa constatação parece acácia, mas o próprio fato em que se baseia não deixa de exercer forte influência sobre a mentalidade de nossa gente. A extensão do país acostumou-nos a pensar, proletr, calcular em escala ampliada, como se todos os nossos problemas existissem soluções grandiosas. Assim se explica a tendência para a construção de edifícios enormes, nos quais centralizamos as repartições, os hospitais, os institutos de ensino, etc. Prevejo com algum receio que as planejadíssimas metrópoles do futuro terão no coração da cidade um arranha-céu de dez andares, destinados às finalidades do famoso "monumento" de Clochemerle.

Nã certos casos em que a centralização é contraproducente. Depois de tudo quanto acabou de expor nos artigos anteriores desta série, não será surpresa para ninguém que me refira às bibliotecas públicas. Temos algumas muito lindas. Não incluo neste número a de Porto Alegre, que há muitos anos vive se definindo, devido à parcimônia do Governo estadual. Mas a de São Paulo é um encanto de modernidade e beleza. E até bela demais, uma vez que não há necessidade de tanto glamour literário.

Por mais imponente que seja a catedral, a maioria do rebanho vai à missa da igreja de seu bairro.

Os fiéis sentem-se à vontade num ambiente mais simples; não gostam de deslocar-se; evitam a despesa e o desconforto que acarretam os veículos públicos. O mesmo acontece com os — possíveis — frequentadores das bibliotecas populares. A suntuosidade das nossas catedrais de leitura não se faz para o ponto de se sujeitarem ao sacrifício de uma viagem noturna de bonde ou de ônibus. Por outro lado, não há nos seus beirões nenhuma "capelinha" onde se possa ler. E assim vejo ver um filme ou jogar uma partida de snooker. Para isso existem oportunidades em toda parte.

Se tivéssemos bibliotecas populares em todos os recantos da cidade, de certo não encontraríamos à sua frente aquelas filas intermináveis que infelizmente observamos nas proximidades de acouques ou letarias. A necessidade de alimentar o intelectual ainda não se faz muito sensível no nosso meio. Quem esperasse resultados imediatos, fulminantes da instalação de capelinhas de leitura, pela qual propugno nestes artigos, melhor faria abandonar a ideia como irres realizável e utópica. Acho que deveremos dar-nos por satisfeitos, sobretudo nos primeiros anos, se cada capela conseguir recrutar alguns leitores e de meios entre as pessoas ante-

riormente alérgicas ao contato com livros. Nem isso será muito fácil.

Mesmo assim vale a pena fazer uma tentativa, tanto mais que esta pode ser realizada com recursos relativamente modestos. As capelinhas de leitura que eu imagino não tem a ambição de rivalizarem com a grandez e a opulência da catedral. Ficariam instaladas numa salinha singela, situada numa das ruas mais acessíveis do respectivo bairro, de preferência ao rés-do-chão; salinha de dimensões reduzidas, já que a mobília que nela deve caber é pouquíssima: uma estante a conter uns duzentos ou trezentos volumes bem selecionados, uma mesa, meia dúzia de cadeiras, um fichário e uma mesinha para a pessoa encarregada da biblioteca. Tudo isso de uma simplicidade monaca. E dispensável qualquer luxo: os frequentadores da biblioteca popular só passarão ali o tempo estritamente necessário para escolherem um livro que levarão consigo e lerão calmamente em casa, durante os próximos quinze dias.

Apreendi do relatório anual das Bibliotecas Públicas norte-americanas que naquele país muito mais rico do que o nosso frequentemente se recorre à abnegação e ao civismo de particulares ou de casas comerciais, a fim de obter-se de graça o espaço imprescindível para a instalação de uma biblioteca popular.

Também para o serviço de administração encontram-se facilmente idealistas desinteressados que, revendo-se entre si, dedicam regularmente algumas horas por semana à biblioteca popular. Em distritos rurais do Estado de Tennessee há tais bibliotecas abrigadas em filiais de banco, postos de gasolina, armazéns de sacos e molhados, agências de polícia, sendo que em toda parte os bibliotecários trabalham sem remuneração.

Talvez possamos imitar em alguns lugares esse luminoso exemplo de espírito cívico. Mas, na impossibilidade de conseguirmos para tal serviço a coletividade de um número suficiente de voluntários entre pessoas aposentadas, estudantes, etc., não pouco será preciso gastar somas elevadas para os ordenados do pessoal. A s bibliotecas populares não carecem permanecer abertas durante o dia inteiro. É apenas indispensável que estejam à disposição do público nas noites de segunda a sexta-feira, para que a população que trabalha possa abastecer-se de livros.

O número de volumes expostos numa biblioteca popular não precisa ultrapassar de trezentos, uma vez que serão mudados periodicamente, transferindo-se o estoque do bairro A para o bairro B e vice-versa. Deve, po-

rem, haver uma seleção carinhosa de literatura boa, adequada ao nível intelectual dos prováveis leitores. Convém colocar nas estantes romances de valor, livros de divulgação científica, biografias de personalidades célebres, compêndios de história, filosofia, arte, religião, obras de autores clássicos, tratados de orientação técnica. Numa palavra: um pouquinho de tudo.

Conjeturo uma coisa: é perigoso entregar o livro da biblioteca ao público, para que este os leve para casa. Haverá extravios; muita obra voltará inutilizada, etc. Esta coisa, como, lareis, não emprestarão livros muito valiosos e ainda menos raridades insubstituíveis, sob a opinião de que o prejuízo não será muito grande. Perder-se de vez em quando um livro preferível a deixa-lo criar poeira na estante, abandonado à voracidade de traças e cupim. Nenhum bibliotecário, por mais consciencioso que tenha do valor dos tesouros que tenha foram confiados, deve esquecer que sua finalidade principal é servir o leitor. Não apenas figurarem no catálogo. O resto depende de um regulamento cuidadosamente elaborado.

E por fim quero responder a

uma pergunta indelicada que me fizeram alguns amigos.

— Por que cargas d'água — indagaram eles — empreitei eu um livro, numa campanha em prol de bibliotecas populares?

Não acha que elas representam uma concorrência às livrarias? Quem lê de graça não compra livros.

Seria bonito dizer que escrevi esta série de artigos por puro idealismo, impellido pelo desejo irresistível de servir a causa do livro e de aproximar a cultura do nosso povo. Seria bonito, sim! mas prefiro falar com sinceridade. Há em tudo isso uma boa pontinha de interesse. A experiência me ensinou que o livro pode ser uma mercadoria extremamente sedutora para quem pegou o "fictio" de ler. Quem se acostumou a lidar com livros, a folhas em casa, a folheá-los no bonde, acaba desejando possuir uma estantezinha toda sua. Converter um frequentador da biblioteca popular em freguês de livraria será infinitamente mais fácil do que transformar um ouvinte assíduo de novelas de rádio num fan apomado de boa literatura. Quem luta pela sobrevivência do livro, seriamente ameaçada nos nossos dias, defende também a classe dos leitores. Desculpem a meu egoísmo: ganho meu pão com manteiga, vendendo livros, e gostaria de ver entrar na livraria onde trabalho, um número cada vez maior de fregueses. Mas escolhi a minha profissão por livre e espontânea vontade, porque tinha, como ainda tenho, fe no valor intrínseco de minha mercadoria. Ainda convencerá de que o velho slogan "Ler é bom" contém uma grande e profunda verdade. Quem se habituou a desperdiçar as horas vagas lendo canaeta ou ouvindo o que lhe oferecem nas nossas estações de rádio, nem sequer imagina as delícias que a leitura de um livro é capaz de nos proporcionar.

Balcão de Livraria

Herbert CARO

Quem escreve para jornais conhece a luta que sem cessar se desenvolve entre autores e tipógrafos. Estes se servem de toda espécie de golpes baixos para derubar os seus adversários. No meu último "Balcão" spanhei tão feio que o juiz deveria ter interrompido a peleja logo no primeiro round. O texto que elucubrei ao suor do meu rosto está quase irreconhecível. Com isso talvez não se perca muito, mas o pior é que meus pacientes e assíduos leitores devem pensar que escrevi aquelas tolices em estado de completa embriaguez.

Não me queixo. Assimilei bem a lição que me ministrou o meu cronista predileto, o austríaco Alfred Polgar. Uma vez que o assunto tem relação com papel impresso e por isso se enquadra muito bem nas minhas costumeras crônicas, traduzo, a título de vingança, o seu artigo sobre

Erros de imprensa

A palavra escrita, na sua transição para o tipo de jornal, sofre estranhas modificações, nas quais se manifesta misteriosamente alguma lei enigmática.

Há certas coisas que a rigor sei explicar, como, por exemplo, aquela história das vírgulas. Parece que os tipógrafos, para simplificar o seu trabalho, servem-se de uma espécie de "vir-

guleiro", do feio de um acento retro, e do qual espargem virgulas por sobre a composição anteriormente preparada. Onde elas caem criam raízes, viciando no meio das frases, qual erva daninha que brota das fendas de um muro.

Mas como se explica o caso dos parágrafos? Como se faz que na composição se encontrem em lugares totalmente diferentes daquelas que haviam ocupado no manuscrito, no qual estavam assinalados por uma linha nova e ainda por um sinal em forma de colchete? Cada tipógrafo, e até mesmo cada redator, sabe que o efeito de um artigo impresso depende, além de alguns outros pormenores, também das cesuras e pausas de respiração a que o aspecto formal da composição obriga o leitor. Que malícia esse de perturbar arbitrariamente tais pausas e de transferi-las para trechos onde separem nexos estreitos e interrompam cruelmente a circulação do sangue do artigo! Não posso acreditar que os bom intencionados e pacíficos jornais para os quais tenho a honra de escrever ajam assim de propósito. Suponho, por isso, que

as oficinas se deixem guiar por conceitos de estética pura, quando distribuem o preto sobre o branco e juntam o texto em grupos maiores ou menores de linhas. Tenho a impressão de que os meus artigos costumam ser subdivididos exclusivamente sob o ponto de vista do efeito ótico, ornamental, de maneira que o seu aspecto cause prazer também a pessoas que não saibam ler, e especialmente a estas.

Admito que a vida de um tipógrafo não é nada fácil. Quantas vezes não lhe impingem coisas totalmente contrárias a sua natureza íntima! Mas é se detende. Experimentem somente pespegar-lhe a palavra "cósmico". Na composição sempre aparecerá "cósmico", ainda que você lhe tenha mandado o "s" numa carta registrada. Uma vez por vezes o cósmico se afigura cósmico ao tipógrafo, e nada o afastará dessa concepção do mundo, que eu, pessoalmente, acho muito simpática.

Da mesma forma, está fadada a fracassar qualquer tentativa de contrabandear as páginas do jornal a palavra "cumprimento". Ela sempre se transformará em

"cumprimento". Os tipógrafos são corteses, e nunca deixam de cumprimentar o leitor.

Normalmente não me queixo de erros de imprensa. Não sou pedante. Se o jornal temia em imprimir Meringue, onde eu tenho meu! Isso são questões de gosto. Decerto, o jornal terá as suas razões. E alterações insignificantes do texto, como "retalho" em vez de "detalhe", "histórico" em vez de "histórico", "freze" em vez de "freie", apenas contribuem para tornar o estilo mais saboroso, assim que como linhas saltadas servem para condensar o artigo. Além disso há sempre uma probabilidade de que o leitor, depois de tropeçar, confuso através da frase descarrilhada, pense que ele mesmo é o idiota, e não o autor. Todo o mundo sabe que certa escola literária se manteve durante os últimos anos, e muito bem, graças à exploração sistemática dessa probabilidade.

Muita falta de talento já tem sido compensada por deslices de composição. Amide é o tipógrafo quem dá ao artigo aquele brilho opalino, desmorteador, que o autor, pelas suas próprias forças, jamais saberia dar.

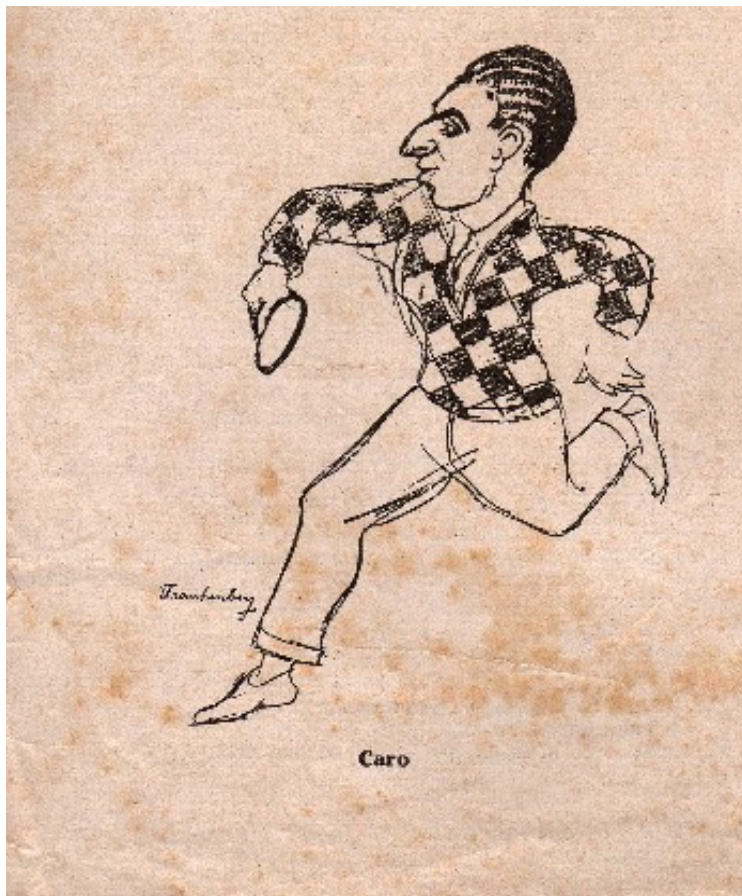
Não nos lamentemos de erros de imprensa. A gente nunca sabe onde lhe vem a profundidade.

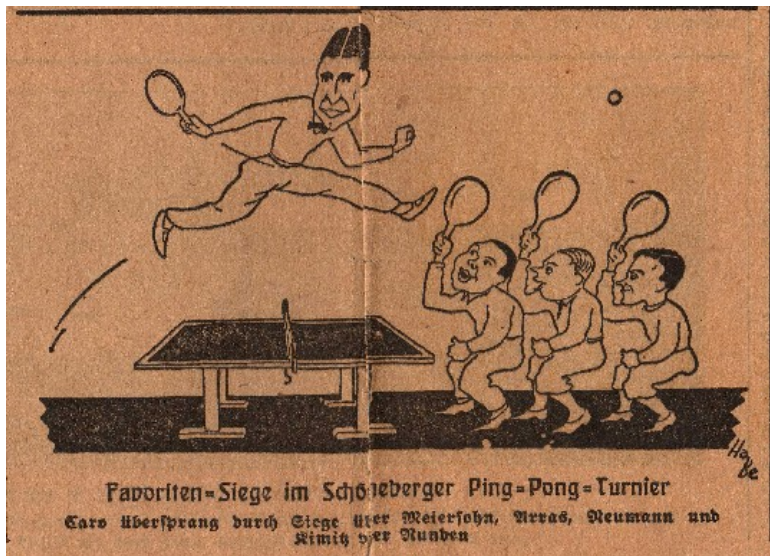
Herbert Caro na Livraria Americana.

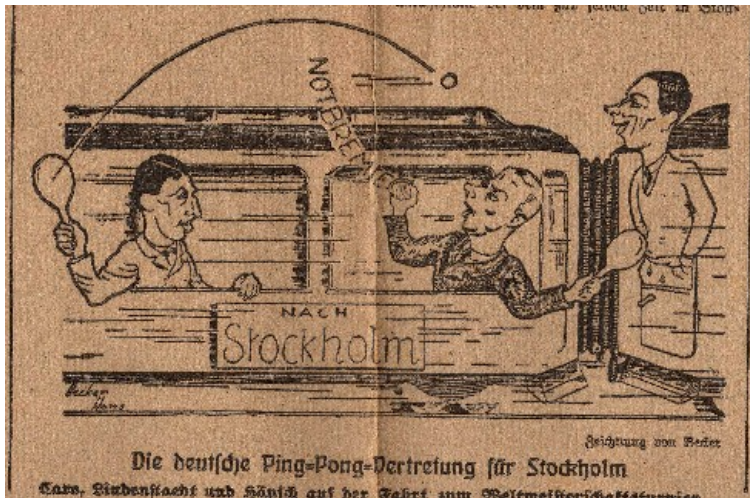


Herbert Caro esportista: Tênis de mesa:

Charges de jornais alemães







Equipe de tênis que representou a Alemanha em Estocolmo, em 1928.



Equipe de tênis de mesa alemã em Budapeste, em 1929.



O tradutor de Thomas Mann



ZH CULTURA — Porto Alegre, 13 de novembro de 1998 — Página 14

literatura

■ O texto sobre a tradução de *Doutor Fausto*, de Thomas Mann, feita com brilhantismo por Herbert Caro, publicado na edição passada de ZH Cultura, foi feito por B. Hamilton Almeida. Seu nome saiu com erro.

Traduzir Doktor Faustus foi desafio para Herbert Caro

Por B. HAMILTON DE SOUZA
Jornalista e pesquisador

Livro do período final da atividade criadora do alemão Thomas Mann, *Doktor Faustus* tem exigido, historicamente, muitos cuidados por parte dos editores na escolha dos tradutores e proporcionado a estes últimos verdadeiras dores de cabeça. E, noutros casos, como em Portugal, onde não se encontrou ninguém categorizado ou disposto a encarar a tarefa de alto fôlego. Já na Espanha optou-se pela solução simplista de verter de uma terceira língua, o que causou evidentes prejuízos aos leitores.

A editora Nova Fronteira foi feliz não só ao decidir lançar o livro no Brasil, como em poder contar talvez com o único tradutor do mundo de Thomas Mann, que é alemão nato. Depois de verter para o português grandes obras como *Os Buddenbrook* e *A Montanha Mágica*, do próprio Mann, *Auto-de-fé*, de Elias Canetti, *A Morte de Virgílio*, de Hermann Broch, e *Siddarta*, de Hermann Hesse, Herbert Caro, 78 anos, cerca de 30 livros traduzidos ao longo de 40 anos, reconhece que transpor o *Doktor Faustus* para a nossa língua foi o seu trabalho mais difícil e o maior desafio de sua vida.

Doktor Faustus consumiu quase um ano de trabalho, a um ritmo de seis horas diárias, sem feriados e domingos, esforço só interrompido por três dias, quando, no ano passado, Caro viajou a São Paulo para receber o prêmio da Associação Paulista dos Críticos de Arte pela versão de *A Morte de Virgílio*, considerada a melhor tradução de 1982.

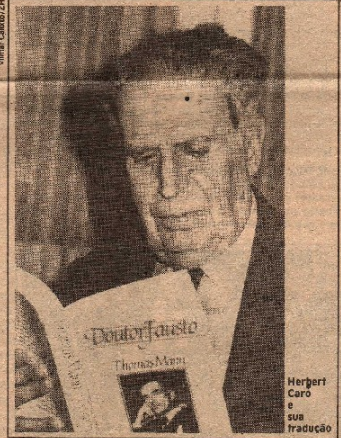
Caro afirma que para traduzir o *Doktor Faustus* foi necessária "uma paciência de elefante", pois o original apresenta dificuldades de natureza estilística, além de obrigar o tradutor a ter amplos conhecimentos culturais, artísticos e compreender a história da Alemanha de 1900 a 45. Ele partiu da terceira edição da obra, publicada em Frankfurt, embora tenha em sua biblioteca a primeira edição, impressa em 1947, em Estocolmo, porque Mann reviu os originais e resolveu suprimir cerca de 100 páginas.

Thomas Mann escreveu períodos longos, o que não era comum nem em alemão e utilizou vocabulário rebuscado. Um dos personagens expressa-se, de vez em quando, em alemão arcaico e há verdadeiras dissertações musicais, além de ponderações filosóficas e psiquiátricas, de vez que a obra aborda a influência da doença sobre a criação artística. Para resolver esses tipos de problemas, Caro teve que estudar o português do tempo de Gil Vicente e se debruçar sobre a teoria da música. Procurou subdividir os períodos longos, sem prejudicar o nexo do pensamento do autor e revela que teve que ser cuidadoso com o vocabulário.

Caro argumenta que para traduzir corretamente o que Mann quis dizer "com este ou aquele adjetivo" foi necessário mergulhar fundo na história. E ele conta que o alemão arcaico da personagem Adrian Leverkühn corresponde ao inglês de Shakespeare, ao francês de Rabelais e ao português de Gil Vicente, só que, como verificou, o português se modificou muito menos que as outras línguas: "A língua portuguesa é muito mais conservadora que o inglês e o francês. Como o alemão arcaico de Mann não passar de uma imitação, tive que 'trapacear' um pouco e usar algumas expressões de até um século antes de Gil Vicente". Com todo o esmero que caracteriza suas traduções, Caro ainda procurou, nas edições inglesa e francesa do *Doktor Faustus*, observar as soluções que os outros tradutores encontraram para certos problemas. E foi então que constatou que a tradução francesa, "é muito elegante, mas elimina numerosas adjetivos e algumas frases". Como a tradução espanhola foi baseada na francesa, os erros sucederam-se. Caro declara que dispendeu muito tempo procurando as soluções mais adequadas: "Houve dias em

Herbert Caro, um dos mais desafiados tradutores de alemão, conta as dificuldades que encontrou para verter ao português o livro maior de Thomas Mann. Deonísio da Silva escreve sobre Elias J...

Uma Obra/ZH



Herbert Caro e sua tradução

que, para traduzir uma frase, demorei 20 ou 30 minutos. E há verbos alemães que não são possíveis de traduzir".

Analisando o seu trabalho, Caro admite, com honestidade, que nenhuma tradução é perfeita: "As línguas não são triângulos simétricos. Não se pode traduzir literalmente. A solução encontrada depende, às vezes, do momento. E deve-se fazer o humanamente possível para se aproximar do estilo do autor. Porém, algumas coisas sempre se perdem, principalmente entre línguas latinas e germânicas". Por isso, Caro confessa que se tivesse que traduzir o *Doktor Faustus* novamente, "essa ou aquela frase talvez saísse diferente".

Natural de Berlim e com doutorado em Direito pela Universidade de Heidelberg, Caro chegou a ser expulso da Ordem dos Advogados da Alemanha porque, segundo uma missiva que recebeu, na época, "não era de origem ariana". Obrigado a sair do seu país, ficou um tempo na França lecionando letras clássicas e léxicas, e chegou ao Brasil em 1938. Em Porto Alegre, onde conseguiu fixar residência, reconquistou a vida dando aulas de francês, alemão e latim. Trabalhou como caixeiro viajante até que, em 1939, foi contratado por Erico Verissimo para trabalhar na sala dos tradutores que a Editora Globo mantinha. Sua primeira tradução foi *Quatro diálogos*, de Emil Ludwig.

Com a dissolução da sala dos tradutores, Caro foi ser ilustre e passou a escrever crônicas e críticas de discos clássicos para diversos jornais brasileiros, e seguiu nas traduções, como free-lancer, onde se consagra como um dos mais talentosos. "Tenho muito respeito aquela gente que está ali na parede", diz ele, apontando para um dos recantos da sua biblioteca, onde estão penduradas fotografias autografadas de diversos escritores que ele próprio teve a oportunidade de verter para o português: Pearl Buck, Hermann Hesse, John Steinbeck, Thomas Mann, Elias Canetti... E todos estão com feições muito sérias, como que a vigiar o trabalho de um homem igualmente sério.

Correspondência expedida por Caro para Thomas Mann – 14/10/1941

Sehr verehrter Herr Thomas Mann! 14/10

Ihren

Vor etwa drei Monaten schrieb ich ~~XXXXXX~~ einen Brief, ebenfalls an die Adresse Ihres amerikanischen Verlegers gerichtet, auf den ich keine Antwort erhalten habe. Ich nehme an, dass entweder mein oder auch Ihr Schreiben verloren gegangen ist, und erlaube mir deshalb, mich nochmals an Sie zu wenden. Ein erheblicher Teil meiner damaligen Zeilen ist durch die Zwischenzeit überholt, sodass ich nur ~~XXXXXX~~ den heute noch interessierenden Rest wiederhole:

Im Auftrage der Livraria do Globo in Porto Alegre übersetzte ich zur Zeit Ihren Roman "Friedenbrock". Sie können sich denken, dass diese höchst ehrenvolle Aufgabe keineswegs leicht zu lösen ist. Unter den bisher von mir ins Portugiesische übertragbaren Werken der Weltliteratur - Schriften von Ludwig, Spengler, Steinbeck, Tolstoj u. a. - bin ich noch nie auf derartige Schwierigkeiten gestoßen, und dennoch kann ich sagen, dass mir noch nie eine Übersetzungsarbeit so viel Freude bereitet hat wie diese am "klassischen" Roman der deutschen Sprache.

Ich hatte mich seinerzeit hilfessuchend an Sie gewandt, weil mir das Dialektproblem insbesondere bei der Gestalt des Herrn Fernandez schwer lösbar erschien und ich gern wissen wollte, wie andere Übersetzer, insbesondere in romanischen Sprachen diese Frage gelöst haben. Inzwischen glaube ich, durch Verwendung portugiesischen Lokalkolorits zu einem befriedigen-

-2-

1 1/3

den Ergebnis gelangt zu sein. Meine Uebersetzung, die zur Zeit beim Tode des Senators angelangt ist, dürfte in etwa 2 Wochen im Rohbau fertig sein. Das Buch selbst ist fuer Juli 1942 in unserem Verlagsprogramm vorgesehen.

Zweck meiner heutigen Zeilen ist die Wiederholung ~~MY~~ einer Bitte, die ich bereits in meinem letzten Briefe ausgesprochen hatte: Koennnten Sie, sehr verehrter Herr Thomas Mann, uns eine gute Portraetphotographie uebersenden, evtl. mit Ihrer Unterschrift, die man der brasilianischen Ausgabe beifuegen moechte? Waeren Sie ferner vielleicht bereit, ein Vorwort fuer die brasilianische Ausgabe zu schreiben? Hier die Erfuellung dieser Bitten waeren wir Ihnen ausserordentlich verbunden.

Bei dieser Gelegenheit moechte ich nicht verschlen, meiner Ueberszeugung Ausdruck zu geben, dass sich die "Badenovooks" mit ihrem tiefen menschlichen Gehalt und ihrer liebevollen Milieuschilderung auch in Brasilien durchsetzen werden. Gewiss ist diesen jungen und vorerst traditionslosen Lande vieles fremd, was in diesem ungeroechlich deutschen und norddeutschen Buch enthalten ist. Mancher Leser wird in ihm etwas von dem Reiz exotischer Fremdheit finden, den auf den Europaer Schilderungen ferner Laender ausubt. Andere werden vielleicht darueber hinaus imstande sein, die psychologische Tiefe dieses herrlichen Romans zu erfah-

1-3/3

-3-

len. Ich habe der Livraria do Globo, die schwankte, ob sie den "Zauberberg" oder die "Buddenbrooks" zuerst herausgeben sollte, empfohlen, mit diesen den Anfang zu machen, und hoffe damit in Ihrem Sinne gehandelt zu haben.

Herr Erico Verissimo, der literarische Leiter unseres Verleges, dessen Bekanntschaft Sie in Denver gemacht haben, bat mich, Ihnen seine bewundernden Gruesse zu uebermitteln.

Im voraus herzlich dankbar fuer Ihre liebenswuerdige Antwort, verbleibe ich mit dem Ausdruck meiner hochsten Verehrung.

Ihr sehr ergebener

14.10.41.

Correspondência recebida por Herbert Caro John Steinbeck (New York - Estados Unidos) – 16/07/1942

